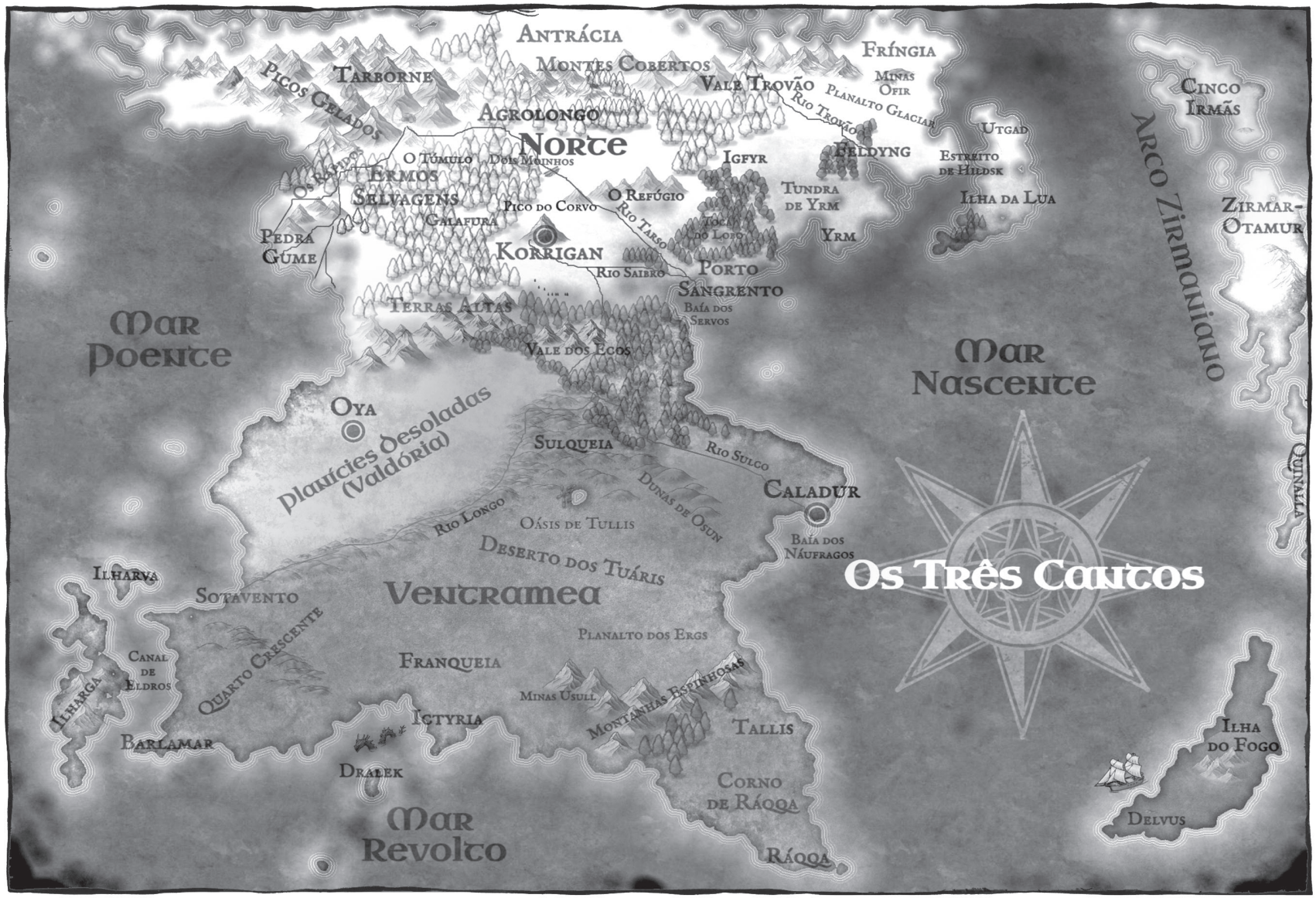
o despertar do caos

série as crónicas d'os três cantos, livro 1

ricardo c. dias

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para a Natália


Antrácia
Montes Cobertos
Fríngia
Minas Ofir
Tarborne
Picos Gelados
Vale Trovão
Planalto Glacial
Rio Trovão
Cinco Irmãs
Agrolongo
Norte
Utgad
Arco Zirmaniano
O Túmulo
Dois Moinhos
Igfyr
Feldyng
Estreito de Hieldsk
Os Gelados
Ermos Selvagens
Tundra de Yrm
Ilha da Lua
Zirmar-Otamur
Pico do Corvo
O Refúgio
Rio Tarso
Galafura
Toca do Lobo
Yrm
Pedra Gume
Korrigan
Rio Saibro
Porto Sangrento
Baía dos Servos
Terras Altas
Mar Poente
Vale dos Ecos
Mar Nascente
Oya
Planícies desoladas (Valdória)
Sulqueia
Rio Sulco
Caladur
Quinalla
Dunas de Osun
Rio Longo
Oásis de Tullis
Baía dos Náufragos
Deserto dos Tuáris
Os Três Cantos
Ilharva
Sotavento
Ventramea
Planalto dos Ergs
Canal de Eldros
Quarto Crescente
Franqueia
Ilharga
Minas Usull
Montanhas Espinhosas
Ictyria
Tallis
Barlamar
Ilha do Fogo
Dralek
Corno de Ráqqa
Mar Revolto
Delvus
Ráqqa

PRELÚDIO

— ESCREVE EXATAMENTE O QUE TE DISSER.

A voz, cansada e grave, ecoou pelo salão. Pertencia a um homem de semblante carregado, que caminhava de mãos cruzadas atrás das costas. Os seus passos eram lentos e calculados, carregando a autoridade de alguém habituado a mandar. Parou por um momento diante de um espelho antigo e empoeirado, que por sua ordem ali permanecia. O reflexo devolveu-lhe uma figura consumida pelo tempo. Era como se estivesse a olhar para um estranho. Havia linhas no rosto que ele não se lembrava de ter, e o cansaço nos olhos fazia-o parecer mais velho do que realmente era. Ainda assim, sentia-se tão desgastado quanto aparentava.

Tateou a superfície lisa do espelho, com o frio do toque a trazê-lo de volta à realidade. *Talvez mantenha aqui o espelho para isso*, pensou. *Para me lembrar de que tudo tem um preço.*

Quanto tempo havia passado desde a visita do Mestre Fundador? Uma década? Talvez mais? Tudo acontecera num piscar de olhos, demasiado rápido.

Retomou a marcha lenta, fugindo do reflexo que o seguia. O som abafado dos seus passos dissipava-se por entre as fileiras de livros que cobriam as paredes envolventes em toda a extensão. Quase oculto no meio de resmas de papel e artefactos entálpicos, o seu escrivão aguardava, pronto, com a pena na mão.

— *Querido amigo* — ditou finalmente o homem. — *Estimo que esta missiva te encontre de boa saúde. Bem sei os sacrifícios que tens feito pela Ordem, todos estes anos no Norte gelado.*

Ele fez uma pausa, de olhar perdido nos livros, ponderando as próximas palavras.

— *Mas não desesperes* — prosseguiu, com uma nota de encorajamento. — *Os nossos esforços estão a dar frutos. A minha marioneta continua sob controlo. Espero que do teu lado as coisas te corram igualmente bem. Ainda assim, é necessário silenciar as vozes que têm chegado.* — O seu tom tornou-se subitamente mais grave. — *Os ventos do Norte podem ainda ser perigosos. Não podemos correr riscos desnecessários. Não agora, que estamos*

tão perto do objetivo. Vou enviar um dos meus melhores agentes para tratar do caso. A acompanhá-lo levará um problema antigo do Norte, se é que me entendes.

Não tinha planeado aquilo, mas não houvera espaço para hesitações.

— *Não saberá de ti. Deixo ao teu critério revelares-te ou não. Claro que ele também não sabe da nossa causa. Temo que não a compreendesse.*

O homem estancou, hesitando em continuar. Será que ele mesmo a compreendia? Por vezes, as dúvidas cresciam na sua mente como ervas daninhas. Estaria a trair a Ordem? Não. Alguém teria de agir e, infelizmente, calhara a si.

— *A Ordem tem de ser fortalecida, ou sucumbiremos ao esquecimento* — acrescentou, quase como se tentasse convencer a si próprio.

Ordem. A palavra não existia antes de a instituição ser necessária. O caos tornara-a necessária. Senão, a quem caberia assegurar o equilíbrio? O equilíbrio implicava que houvesse caos. O caos era a fonte do poder da Ordem. Só o caos traria de volta a crença em Eun, o único deus verdadeiro. Estava já demasiado esquecido. Chegara o momento.

— *Sinto o poder entálpico crescer* — continuou, sendo imediatamente acompanhado pelo rabiscar da pena no papel. — *Certamente que tu também o sentirás, e, como nós, outros. Temos, por isso, de agir rapidamente. Procura acelerar as coisas da tua parte que eu farei o mesmo deste lado. Só assim poderemos restaurar a Ordem.*

A sua mente vagueou por um instante. Caos e ordem. Era a dicotomia que tudo moldava. Um ciclo eterno.

— *Deve ser essa a nossa missão, mesmo que outros não a compreendam.* — *O caos é a ordem natural das coisas. Sempre foi*, disse para si, agora com mais certezas. — *Espero poder rever-te em breve, velho amigo. Que Eun te guie.*

Aproximou-se do escrivão, que lhe passou a carta com cuidado. Depois de a agitar levemente para a tinta secar, analisou o conteúdo, certificando-se de que a mensagem não revelaria mais do que o necessário, caso fosse intercetada. Dando-se por satisfeito, assinou-a com uma caligrafia elegante e meticulosa. Dobrou o papel e derreteu um pouco de lacre, que marcou com o seu anel de sinete, deixando nele o brasão da Ordem: uma balança em perfeito equilíbrio. Entregou a missiva ao escrivão, indicando-lhe que lhe desse imediatamente seguimento.

Neste momento, pensou, *é urgente desequilibrar a balança.*

UMA MISSÃO IMPOSSÍVEL

«Ao longo da vida procurei compilar e estudar os mitos nortenhos de modo a sistematizar um registo que permitisse ao Esquadrão Negro maior esclarecimento sobre A Profecia. Os mitos fundadores são diversos e confusos: há demasiadas histórias e lendas; muitas contradições e pontas soltas. No entanto, todo o folclore converge em torno de cinco nomes: Malakai, o velho Deus-Rei; Vendra e Skarnak, seus filhos; e Vorag e Zorak, pretendentes de Vendra. A conclusão que daí retiro é uma: todos eles são fragmentos corrompidos de uma mesma verdade, há muito esquecida.»

ANOTAÇÕES DE FINNEAS, *O BARDO*

— ACORDA, CABRÃO!... — VOCIFEROU JARVAL EM VOZ BAIXA. Aninhada à sua frente, uma figura dormitava embalada pelo calor de uma fogueira. — Toca a andar, temos de nos pôr em Korrigan esta noite.

Nada. Era o mesmo que estar a falar com um penedo.

Carrancudo, observou o homem que dormia pesadamente. Como invejava a facilidade com que aquele idiota conseguia arrochar em qualquer lado. Já ele, não se lembrava da última vez que desfrutara de um sono tranquilo. A escuridão enervava-o quase tanto como os locais apertados e aquela noite estava particularmente escura. Não fora por falta de tentativa, mas não conseguira pregar olho — as sombras do passado perseguiam-no, sempre presentes, tornando impossível qualquer descanso.

Jarval percebeu uma mudança na atmosfera, uma ligeira vibração no solo, e os sons noturnos que ecoavam por entre os abetos e pinheiros cobertos de neve deixaram-no inquieto. Olhou em volta. Um céu carregado de nuvens delineava a silhueta de serras altas contra o horizonte cor de ardósia. Ao redor, uma densa floresta dançava sob a carícia de um vento agreste.

Parecia-lhe que havia sempre algo à espreita, à espera de que ele baixasse a guarda. E a sensação intensificara-se à medida que se aproximavam de Korrigan. Mas não podiam chamá-lo de paranoico. Ele sabia que era mais do que isso. Sentia-o nos ossos.

Anda alguma coisa por aí…

Recomeçara a nevar, ou, pelo menos, foi o que primeiro pensou ao ver as pequenas partículas que rodopiavam no ar. Porém, sentiu um sabor acre na boca e, ao estender a mão, pareceu-lhe que era, afinal, cinza que caía. *Estranho*.

Talvez estivesse a ver mal. A escuridão era apenas interrompida pelo brilho fraco da fogueira que, horas antes, ele acendera no topo do vale.

A sua bota encontrou as costelas do homem adormecido.

— Mexe-te, ladrão de um raio — resmungou mais uma vez, vendo ainda a respiração pesada do outro.

Maldito traste. Felizmente não teria de aturá-lo por muito mais tempo. Estavam quase a chegar.

Por fim obteve resposta. Estremunhado, o ladrão começou a erguer-se, enquanto esfregava as mãos dentro de um sobretudo tosco para espantar a dormência. O seu bafo evaporava-se na claridade, condensando rapidamente contra uma barba rala, tornada rija pelo gelo que se formava contra os pelos. À sua frente, a pequena fogueira bruxuleava, frágil, revelando-lhe um olho de cada cor, um escuro e outro claro.

Olhos de malandro, matutou Jarval com desconfiança.

— Onde é o incêndio? — bocejou o homem, enquanto lançava um olhar apático em direção à ténue fogueira.

Para variar, aquele ar de desdém irritou-o.

— Fecha-me essa matraca e põe-te a andar antes que te parta os dentes — ameaçou Jarval, cuspindo para a fogueira.

Era incrível como aquele sujeito conseguia tirá-lo do sério. Estava até espantado por ter aguentado a viagem toda sem o esmurrar a valer. Vontade não lhe faltara. Mas havia trabalho a fazer. Afinal, Ladislau tinha planos para o ladrão. Depois, ele poderia dar-lhe o tão merecido castigo.

— Sempre encantador, Jarval — desdenhou o outro, começando lentamente a calçar uma bota que tinha posto a secar ao lume. — Não sei como não fizeram de ti um diplomata…

— Talvez ainda o façam, só por ter de te aturar. — Deu-lhe um novo chuto para ver se lhe acelerava a disposição. — Toca a andar!

De pé, a diferença entre as suas estaturas era flagrante. Não deveria ser muito mais novo do que ele, constatou Jarval ao ver o outro erguido ao seu lado. Ainda assim, aquele Saladin parecia-lhe quase um miúdo quando comparado consigo. Talvez o problema fosse seu. Jarval sabia que sempre fora um tipo grande. Lembrou-se daquela vez quando a mulher de Caspian o atraíra para os seus lençóis. Um sorriso desenhou-se-lhe nos lábios ao recordar a surpresa dela ao descobrir, anos mais tarde, que naquela época ele tinha apenas doze verões. *Invernos*, corrigiu-se, *aqui são invernos*…

Sacudiu a cabeça para afastar as memórias. Tinham de se despachar, se quisessem alcançar Korrigan antes do amanhecer. Ainda os aguardava uma longa caminhada até à capital nortenha.

Com uma eficiência prática, varreu com o pé um monte de neve que se acumulava em volta da fogueira, cobrindo-a parcialmente. Abriu depois a breguilha e mijou sobre o que restava das brasas. Era hora de partir, e não haveria tempo para pausas.

Deixando um rasto de vapor atrás de si, pôs-se a caminho sem esperar

pelo ladrão, que ainda arrumava os seus haveres dentro de um saco de cânhamo. O sacana que corresse para o apanhar.

Seguiu por um trilho de raposa que serpenteava por entre as árvores. As suas botas cardadas enterravam-se fundo na neve recente, e logo sentiu os pés ficarem húmidos e gelados mais uma vez. Já se tinha conformado. Não havia forma de evitá-lo. Contudo, isso não tornava a marcha menos desagradável. Com a manga do casaco, limpou o pingo que lhe escorria insistentemente da ponta do nariz. Passara demasiado tempo longe e o seu corpo já não estava habituado àquele clima.

Mais à frente, voltou-se para se certificar de que Saladin o seguia. Até então, a promessa de um perdão real tinha sido suficiente para o manter na linha. Em todo o caso, nunca era de mais verificar.

Detetou o vulto resignado que se arrastava atrás de si. Agora sem a fogueira, a escuridão era quase total. Mal conseguia distinguir os seus pés no carreiro. A vegetação adensara-se e o orvalho da madrugada transformava as folhas dos fetos em pingentes gelados, tornando-as quebradiças à sua passagem.

Parou de repente. Pareceu-lhe ouvir algo trazido pelo vento. Ficou tenso, levando instintivamente a mão ao punho da espada. Mais alguma coisa se movia nas profundezas da floresta. Um grasnido foi acompanhado pelo esvoaçar alarmado de um bando de corvos, confirmando-lhe que não eram coisas da sua cabeça. Procurou a origem do movimento. Aproximava-se.

Com a mão livre, fez sinal para que Saladin se mantivesse em silêncio. Tirou depois uma machada do cinto e passou-lha.

— Para que é isto? — ouviu o ladrão perguntar atrás de si.

— Chiu! — ordenou-lhe com um sussurro, contendo depois a respiração para apurar o ouvido.

A luz frágil do luar iluminava vagamente uma clareira mais adiante, lançando sombras longas e distorcidas sobre o solo coberto de folhas. Jarval sobressaltou-se com o som de ramos a partir muito perto.

Uma forma surgiu então na clareira, cruzando a vegetação com um salto ágil. Relaxou ao perceber que se tratava apenas de um alce. Faltava-lhe uma haste e o corpo era um emaranhado de feridas ensanguentadas.

Alguma luta com outro macho ou um ataque de lobos, pensou, aliviado.

O alce parou por um momento, rodando nervosamente a cabeça para os quartos traseiros. Jarval voltou imediatamente a sentir os pelos da nuca eriçarem-se. Algo perseguia o animal.

Ouviu um novo ruído na vegetação, assustando o alce, que desapareceu em frente com um pulo. O que se seguiu arrepiou-lhe a espinha até ao tutano. Outra criatura acabava também de cruzar a clareira a uma velocidade predadora. Um vulto cinzento e de garras compridas, movendo-se furtivamente

sobre os quatro membros. Viu-o apenas de relance antes de este desaparecer, atrás da sua presa, na escuridão da floresta. Depois a noite voltou a ficar silenciosa, como se nada se tivesse passado. Jarval suspirou, afrouxando a mão que segurava a espada.

— Mas que… Que raio era aquilo!? — balbuciou Saladin, com a machada erguida atrás de si.

Isso gostava eu de saber...

Sem lhe responder, Jarval tirou-lhe a machada das mãos e voltou a enfiá-la no cinto, ao lado da adaga curva que herdara de Caspian. Fora tudo tão rápido que mal conseguira ver a criatura. Mas de uma coisa estava certo: não se tratava de nenhum lobo ou de outro predador que ele conhecesse.

Avançou pelo trilho até à clareira. Atento à penumbra, levou um joelho ao chão, analisando os rastos de sangue. A sensação de perigo tinha passado.

— Nada que me pareça interessado em nós… — retorquiu finalmente, vendo o rosto lívido de Saladin debruçado ao seu lado. O que quer que aquela coisa fosse já ia longe.

Jarval retomou a marcha, agora de espada em punho e ainda mais atento aos sons que o rodeavam.

Em pequeno ouvira lendas sobre *bierseks* e outras criaturas sombrias que se abrigavam naquelas florestas. Há muito que deixara de acreditar em tais disparates, mas tinha de confessar que aquilo tinha sido estranho. Talvez o Norte estivesse realmente mais sombrio por aqueles dias, divagou, lembrando-se das razões que o tinham trazido de novo ali.

Falava-se de movimentações estranhas entre os nortenhos e Ladislau enviara-o para investigar. Depois de ele ter apanhado Saladin em flagrante, o Rei dos Caladurianos também o tinha incumbido de se certificar de que o ladrão cumpria o trato que com ele firmara a troco da vida, antes de Jarval o poder despachar.

— Não te esqueças da tua missão — disse Jarval, quebrando finalmente o silêncio.

Atrás de si, ouviu o ladrão fungar de desdém.

— Rica missão que me deram — lamentou-se Saladin. — Infiltrar-me no meio de um bando de selvagens, encontrar alguém que não quer ser encontrado e roubar… roubar o quê, afinal? Uma coroa de pau? É uma missão suicida!

Jarval esteve perto de soltar uma gargalhada. *Mal tu sabes o quanto*… Mas conteve-se. Era fundamental fazê-lo crer que, cumprido o trato, poderia sair dali vivo. Como se dizia em Caladur, não se matava a sede de um homem com água do mar.

— Ladislau deu-te esta oportunidade — lembrou-o, voltando-se de súbito e espetando-lhe um dedo no peito. — Não a desperdices, pois eu não serei tão misericordioso. — Um sorriso amargo desenhou-se-lhe nos lábios.

Era o tipo de sorriso que deixava claro que nada lhe daria mais prazer do que ter uma razão para acabar com ele.

O outro bufou, sacudindo a neve que lhe cobria as botas contra o tronco de uma árvore.

— Se não for comido por nenhuma fera ou morto por algum bárbaro, vou certamente morrer gelado neste cu do mundo! — resmungou. — Mais valia terem-me enforcado logo…

Jarval apertou os punhos, lutando contra a irritação crescente. Bem que preferia que Ladislau o tivesse feito. Ele próprio teria tratado do assunto com gosto. Fez questão de lho dizer.

— Olha que ainda vais a tempo — rosnou, cuspindo para o chão antes de retomar a marcha. *Maldito cão sarnento…* — Acredita que, depois do trabalho que tive para te apanhar, esta missão é mais um castigo para mim do que para ti.

Não mentia. Além de ter sido obrigado a suportar e alimentar aquele inútil durante as últimas quatro luas, pelo caminho teve ainda de lhe ensinar nortenho. *Pelo menos nisso, até que o imbecil não se saiu mal*, pensou com uma certa irritação.

— Cago para ti, para o teu rei e o seu espião… — ouviu o ladrão murmurar nessa língua. A voz dele era baixa e desdenhosa, mas suficientemente clara para que Jarval captasse cada palavra.

Estava a provocá-lo. A raiva subiu-lhe pela garganta como fogo. Quis socá-lo ali mesmo; pôr fim de uma vez àquela insolência. O canalha andava mesmo a pedi-las. Mas respirou fundo, segurando com força o punho da espada.

— Encontra a merda do infiltrado ou será a minha espada a encontrar o teu pescoço — disparou, virando-se de novo, desta vez com a arma em riste. — Ladislau foi claro. O traidor tem de ser eliminado. Se falhares, vais tu na vez dele.

O Rei dos Caladurianos andava apreensivo com as notícias que chegavam do Norte, e com razão. Há muito que não havia ali também um rei. Os nortenhos estavam mais habituados a matarem-se uns aos outros do que a ajoelhar. Não havia guerreiros mais temíveis, disso não havia dúvidas. Mas, como o seu pai costumava dizer, a falta de organização daquelas gentes fora sempre o seu ponto fraco. De alguma forma, esse tal Kurgar, a quem chamavam *O Sem Sombra*, conseguira vergá-los. Alguma coisa se passava.

— Cabe a ti descobri-lo e a mim fazê-lo desaparecer — acrescentou, voltando a fitar o ladrão. — Definitivamente, se é que me faço entender… — Passou o polegar pelo pescoço, para não deixar dúvidas sobre que destino daria ao traidor.

Pelos vistos, alguém tinha metido na cabeça desse *Sem Sombra* que ele era uma espécie de escolhido dos deuses e Ladislau recebera informações de

que Kurgar pretendia atacar o Sul. Qualquer coisa que ver com uma profecia antiga e com uma coroa que ele encontrara. Uma guerra aberta com o Norte organizado significaria morte como nunca se tinha visto n'Os Três Cantos. Jarval não temia a morte, mas estava farto de matar. Talvez a missão que o Rei dos Caladurianos dera àquele imbecil pudesse evitar uma guerra, mas tinha sérias dúvidas.

— Quanto ao que deves roubar — prosseguiu, mantendo um tom carregado de sarcasmo e impaciência —, já que gostas tanto de coroas, terás oportunidade de roubar uma que é digna do Príncipe dos Ladrões! Agora mexe o cu, empecilho de um raio. Já estamos perto.

Acelerou o passo. Em todo o caso, a viagem não seria perdida. Ele tinha ali as suas próprias motivações. Poderia finalmente tentar encontrar as respostas que tanto procurava sobre o seu passado.

Caminharam mais um par de horas pelo silêncio do vale gelado. Jarval manteve-se atento aos perigos noturnos, mas não houve mais percalços. À medida que o nascer do dia se aproximava, a paisagem sombria ia progressivamente ganhando contornos menos ameaçadores. Então, a floresta começou a abrir-se gradualmente, dando vislumbres de uma muralha alta que se erguia ao fundo contra o sopé de um vulcão adormecido. Jarval contemplou o Pico do Corvo, sentindo o coração acelerar. Era estranho estar de volta passados tantos anos.

Aproximaram-se da cidade a coberto da floresta, com os pinheiros escuros a espraiarem-se diante de si. O exterior era rodeado por um fosso que desviava o curso de um rio estreito ao longo da fortificação. Nem chegava a ser um rio ali; era mais um riacho. Contudo, Jarval sabia que o Saibro se estendia e engrossava, correndo para leste até desaguar em Porto Sangrento, a mais importante cidade portuária do Norte. Lembrou-se dos tempos em que o navegara na companhia do pai e as recordações causaram-lhe uma pontada de dor no estômago.

Voltou a sua atenção para as ameias da muralha. Estavam fracamente iluminadas por alguns archotes em movimento, sinalizando a presença de vigias. Puxou Saladin para que se escondessem, ambos acocorados, atrás da linha das árvores. Mais à frente, dois sentinelas guardavam uma ponte levadiça que dava acesso a Korrigan, conversando alegremente em voz baixa. Ainda assim, ele percebeu que falavam, entusiasmados, sobre algum acontecimento que teria lugar durante o dia que já despontava no horizonte.

— Lembra-te da farsa — sussurrou ao ladrão. — Vens de Sotavento, da região do Quarto Crescente. Isso coloca-te em território neutro para não levantar suspeitas…

Saladin revirou os olhos.

— Já sei, já sei… — interrompeu, carregado de enfado. — Trabalho para um comerciante de peles. Elgar Morova. O nome pode ser confirmado.

Jarval assentiu. *Pelo menos o imbecil decorou a parte importante.*

— Aprendeste nortenho com os mercadores com quem negociaste em seu nome. — E completou, mantendo a voz baixa: — Vieste a Korrigan às ordens de Morova para explorar oportunidades de negócio.

— É uma história tão má como outra qualquer… — suspirou Saladin.

— Então mantém a farsa e reza para que não te apanhem... — retorquiu Jarval, de olhos afiados. Hesitou, depois, enfiando a mão dentro do casaco. — Se for preciso, mete umas moedas no bolso dos guardas — acabou por dizer, puxando de uma pesada bolsa de couro que, relutantemente, atirou a Saladin.

O ladrão levantou as sobrancelhas, claramente surpreso com o gesto, mas antes que pudesse falar Jarval continuou:

— Não gastes tudo de uma vez. Não haverá mais de onde este veio.

— Então e tu? — perguntou ele, guardando a bolsa com um movimento ágil. — Não vens?

Jarval bufou, irritado. *Como é que este idiota ainda está vivo?* Estava para perceber como levara tanto tempo para apanhá-lo.

— Entraremos separados — respondeu secamente. — Não devemos ser vistos juntos. Espera que eu te procure. Até lá, faz o que sabes fazer melhor.

Agarrando Saladin pelos colarinhos, puxou-o para perto de si.

— Mistura-te, mente, engana — disse em tom de ameaça. — Mas garante que te aproximas do círculo íntimo de Kurgar.

Dito isso, empurrou Saladin em direção à ponte com um movimento brusco.

— Agora vai. — Acariciou novamente o punho da arma. — Vai, cabrão. Vai e não te armes em chico-esperto…

Estarei de olho em ti, pensou, vendo o ladrão afastar-se aos tropeções.

NO LUSCO-FUSCO

«Há pouco tempo, *Jarl* Oswin acolheu-nos em Vale Trovão e teve a gentileza de me conceder acesso à sua extensa biblioteca de família. Lá encontrei registos de algumas das trovas esquecidas de Mokan, *O Belo*. Só tenho pena de não as ter podido ainda estudar mais a fundo. Mas os rumores de que Kurgar, um jovem *jarl*, tinha encontrado a Coroa de Zorak obrigaram-nos a partir de imediato. Terá O Herdeiro sido encontrado?»

ANOTAÇÕES DE FINNEAS, *O BARDO*

PEPPER POUCO TINHA DORMIDO, TAMANHA ERA A SUA EXCITAção. Os dias de execuções eram sempre os mais lucrativos. Milhares de bolsos alheios ao que se passava à sua volta, à espera de que ele lhes metesse a mão. Por isso, os tamborileiros ainda não tinham anunciado a Hora de Vendra e já ele abandonara a estalagem, deambulando pelas ruas da cidade.

Desceu até ao Bairro dos Pelintras para matar o tempo. Por norma, aquele era um sítio que ele costumava evitar, especialmente durante a noite. Porém, àquela hora de lusco-fusco, não deveria haver problemas, ponderou ao ver os primeiros raios de luz clarearem timidamente o horizonte. Afinal, era a hora em que a gente séria ainda não se levantara e os pelintras já se tinham recolhido depois do giro da noite. Um sorriso travesso adornou-lhe o rosto. Orgulhava-se de não fazer parte de nenhum desses grupos.

Avançou pela Travessa dos Tintureiros, torcendo o nariz ao odor intenso a curtumes que empestava o ar naquela zona da cidade. Havia outra razão para ele ter acordado mais cedo. Ouvira dizer que uma cadela vadia tinha ali dado à luz uma ninhada que ainda não fora apanhada pelo velho Ildeulf, o criador de cães. O velho não gostava de concorrência, e depressa recolhia todos os cães vadios da cidade, que depois vendia a preço de ouro nos dias de feira. Para agricultores, nobres e viajantes, um bom cão era tão essencial como uma boa enxada ou uma lâmina afiada. Até as damas enviavam os seus servos à procura da melhor companhia canina. Enfim, era um negócio lucrativo e não havia nada que Pepper não fizesse por um tostão. Ele alimentava a esperança de se antecipar ao velho Ildeulf e o lusco-fusco era o momento ideal para uma caçada matutina.

Percorreu as ruas estreitas e sinuosas, procurando em cada beco por onde passava. O céu clareava à medida que ele progredia, mas nem sinais da tal ninhada, ou sequer da cadelita. Talvez tivesse já vindo tarde.

Chegou à última rua e hesitou, de olhar fixo na muralha, antes de relancear para leste. A aurora ainda era pouco mais do que uma sugestão ali, onde as sombras das muralhas ensombravam o bairro. Retomou o mesmo caminho, agora em direção contrária, mas o resultado foi o mesmo: não havia sinal dos cachorros em lado nenhum.

Ao final de algum tempo acabou por se aborrecer e subiu um muro que sabia dar para um pátio abandonado. Aterrou do outro lado com as botas na lama, o que provocou um baque húmido na superfície mole, e ali ficou, por um momento, atento às janelas que se erguiam acima. Ao ver que tudo se mantinha silencioso, escalou depois até à varanda de um edifício mais baixo, que permitia o acesso à cumeeira entre dois telhados. Deu uns quantos passos largos sobre o parapeito e saltou, agarrando-se à testeira, ao mesmo tempo que se içou com o impulso de uma perna, transpondo o resto do corpo. Com cuidado para não escorregar, trepou então por um dos telhados para ir ver as vistas.

Já empoleirado no alto, levou uma mão sobre os olhos e fitou a cidade que dormia tranquilamente aos seus pés. A solidão era uma companhia silenciosa. O único ruído que interrompia a calmaria era o ocasional ranger das vigas de madeira debaixo de si, vergadas sob o peso da neve que se acumulara durante a noite. Observou o magote de edificações esguias e de telhados muito altos e pontiagudos que ocupavam toda a extensão até à encosta, onde as torres do palácio real se erguiam, imponentes, contra o vulcão. Estranhou o facto de o branco que cobria a paisagem se encontrar tão sujo. Agarrou num punhado de neve. Parecia-lhe misturada com cinzas. Era mau agoiro, para quem acreditasse nisso. Atirou-a por cima da cabeça e ouviu o crocitar irritado de um bando de corvos que dormitavam por ali. Atrás de si, uma muralha alta rodeava a cidade, protegendo os edifícios e a massa humana ali metida. As ruas em baixo eram flanqueadas por cavaletes que dentro de pouco tempo suportariam as bancas dos mercadores, expondo todo o género de coisas.

Permaneceu assim durante um bom bocado, contemplando a paisagem urbana, até que, mais abaixo, um movimento lhe captou a atenção. Parecia-lhe que um vulto corria, esbaforido, ao longo de uma rua não muito longe dali. Segurava qualquer coisa na mão, com a qual fustigava o ar à sua frente. Os olhos de Pepper esbugalharam-se ao perceber que só poderia tratar-se do velho Ildeulf, perseguindo algum cachorro, talvez a tal cadelita. Sem pensar duas vezes, deixou-se deslizar livremente pelo declive do telhado, planeando, enquanto descia, o salto entre o abismo que o separava do edifício contíguo àquele. Fletiu ligeiramente os joelhos, usando os pés como travões, e saltou para a frente instantes antes de o telhado acabar numa queda mortal. Sentiu o ar revolver-se à sua volta, rodopiou os braços e, com um sorriso a abrir-lhe o rosto, sentiu então

os pés embaterem numa nova superfície inclinada. Não esperou para recuperar o equilíbrio e correu pelo beiral lançando-se para o telhado seguinte, onde se deixou cair numa varanda, sendo acompanhado por uma pequena avalancha de neve que o cobriu quase por completo. Sacudiu as roupas e saltou novamente, de varanda em varanda, até finalmente aterrar na calçada.

Correu de novo, agora pelo pavimento de saibro que a neve tornava escorregadio, alcançando o local onde detetara o velho mesmo a tempo de ver o criador de cães encurralar um grande cão preto e de aspeto pachorrento. O homem brandia uma vara comprida, tentando envolver o pescoço do animal com o laço que lhe pendia da extremidade. Apesar do seu porte, o cão mostrava mais aflição do que agressividade e rapidamente foi capturado.

— Ah, apanhei-te! — regozijou-se o velho, puxando pelo laço enquanto o cão se debatia, desesperado para se libertar da armadilha.

Pepper deixou-se ficar escondido numa esquina a observar a cena, de punhos fechados e dentes cerrados. *Maldito sacana*. Estava sempre um passo à sua frente. Viu-os depois desaparecer ao fundo da rua, antes de seguir no seu encalço. Não teve pressa. Ele sabia bem para onde é que o velho se dirigia.

Mantendo a distância, fez um desvio no trajeto para ir vasculhar os caixotes do lixo atrás do açougue do bairro. Felizmente, o frio mitigava o fedor das vísceras e ele lá encontrou o que procurava antes que o vómito se escapasse de dentro de si. Retomou então a marcha em direção ao canil do velho, abeirando-se da entrada do barracão de madeira. Era arriscado, pois o criador de cães já o tinha avisado do que lhe faria se o voltasse a apanhar a rondar por lá. Qualquer coisa que envolvia a sua vara e pancada, se bem se lembrava.

Encostou o ouvido ao portão, tentando detetar algum movimento no interior. Silêncio. Talvez o velho tivesse voltado a sair, ou então ido para casa, refletiu, mirando o edifício do lado. Mas o seu receio não se prendia tanto com o velho Ildeulf, mas com outra coisa. Com cuidado, abriu a cancela do portão e penetrou no barracão escuro. Por via das dúvidas, tirou do casaco o osso que arranjara pelo caminho, improvisando um bastão para o caso de *Brutos*, o gigantesco pastor-da-zirmânia, estar de guarda. Tão grande como um lobo, a sua ferocidade era conhecida em toda a cidade, e não gostava particularmente de Pepper, a quem, por mais do que uma vez, já quase arrancara as calças.

Esperou um pouco para ver se a besta aparecia, mas nada. Devia estar a dormir. Pelos vistos, o lusco-fusco também se aplicava aos cães de guarda, notou ele, aliviado. Caminhou então silenciosamente até ao fundo do barracão, onde um conjunto de pequenas celas individuais

dividiam o espaço. A última feira deveria ter sido boa, pois o canil parecia vazio.

Enquanto se movia por entre as jaulas, Pepper foi atraído por um gemido vindo de um canto mais afastado. Curioso, aproximou-se lentamente do fundo do barracão. Ali, dentro de uma cela demasiado pequena para o seu tamanho, encontrou o cachorro pachorrento, muito encolhido e claramente nervoso. O animal olhou para ele, raspando com a pata no gradeamento da porta como se a pedir-lhe que o soltasse.

— O que foi, hã? — perguntou-lhe, abrindo o ferrolho da cancela. — É isto que queres? Ah, pobre cãozito! Deves estar esfomeado…

Pepper estendeu-lhe o osso, mas o cão ignorou-o, tentando antes esconder-se no interior, agora com um olhar muito assustado.

— Então!? Queres sair ou queres ficar? Decide-te! — continuou ele, falando com o cão. — Espera que o Pepper já te ajuda!

Dito isto, tentou agarrá-lo para o puxar para fora, mas o cão resistia-lhe com todas as forças, ganindo de pânico.

Estava tão distraído que nem viu *Brutos* aproximar-se. Só reparou nele quando ouviu um rosnar baixo e contínuo atrás de si. Sentiu-se imediatamente empalidecer.

— Oh, que grande merda! — exclamou exaltado, virando a cabeça de esguelha.

O enorme cão-lobo deu dois passos em frente ao mesmo tempo que Pepper se virava com o osso na mão. Quando este lhe saltou em cima com os dentes arreganhados, só teve tempo de lhe atravessar o osso na boca, protegendo-se atrás dele. Sentiu um esticão para um lado e depois para o outro, sendo quase arremessado pela força da besta. A disputa pelo osso logo começou a causar alarido e Pepper ouviu o portão do canil abrir-se com estrondo. Dele apareceu o velho Ildeulf com a sua vara na mão, vacilando por um momento antes de fitar Pepper, furioso.

— Tu! Seu fedelho! — gritou-lhe o criador de cães, reconhecendo-o. — Já não te avisei que não te queria aqui!? — A sua cara enrugada estava muito vermelha e os olhos vidrados. — Ataca, *Brutos*! Ataca! — ordenou ao animal.

Porém, *Brutos*, que, entretanto, conseguira arrancar o osso das mãos de Pepper, olhava para ele, abanando o rabo. Deixou depois cair o osso à sua frente e pôs-se a soltar latidos, todo animado.

Ai agora é que queres brincadeira!

Pepper baixou-se e pegou no osso, agitando-o à frente dos olhos do cão, que o seguia com saltinhos excitados.

— Ataca, *Brutos*! — voltou a ordenar o velho, todo irritado, aproximando-se agora ameaçadoramente com a vara no ar. — O que estás a fazer, raios!? Ataca!

— Vai buscar! — bradou Pepper ao cão em tom divertido, atirando o osso por cima do velho.

Brutos logo largou numa correria louca, embatendo pelo caminho contra o dono que foi projetado pelo ar. Atrás de si, Pepper viu o cachorro preto sair finalmente do seu cativeiro, aproveitando a confusão para se pisgar pelo portão aberto com o rabo entre as pernas. Ele não perdeu tempo a seguir-lhe o exemplo. Correu pelo barracão, passando ao largo do velho com um sorriso no rosto enquanto o via debater-se no chão com *Brutos*, que saltava à sua volta com o osso na boca.

— Ah, sai de cima de mim, seu rafeiro! — vociferava ele, mas isso só serviu para excitar ainda mais *Brutos,* que começou a lamber-lhe a cara com afinco.

Já na rua, Pepper ainda ouviu o eco da voz do velho Ildeulf barafustar.

— Volta aqui! Vais pagar-mas, seu patife!

Rindo da situação, Pepper decidiu que era melhor não voltar a aproximar-se dali tão cedo. Continuou a correr, procurando à sua volta com o olhar.

Onde se meteu o raio do cachorro? Que mal-agradecido…

Acabou por o descobrir ao fundo da rua, esgueirando-se ao virar da esquina. Acelerou para o apanhar, dando um salto quando o som dos tambores ecoou no cimo das muralhas, anunciando a Hora de Vendra. Ia tão depressa que quase chocou com uma figura avantajada que contornava a esquina, vindo em sentido contrário.

— Ei, rapaz! Vê lá por onde andas!

Um velho gordo e careca, vestindo uma sotaina branca, olhava para ele com ar de caso. Pepper reconheceu logo o homem. Era o Primeiro Companheiro, o padre de quem toda a cidade falava. Pelo que ouvira dizer, o barrigudo viera para pregar a religião do Sul e tornara-se muito próximo do rei. Kurgar deixara-o até avançar com a construção de um Sacro perto do palácio. Claro que os nortenhos não viam isso com bons olhos, nem a ele ou à sua religião. O que estaria o raio do padre a fazer àquelas horas no Bairro dos Pelintras?

Tem a careca toda transpirada, notou Pepper.

Olhando em volta, a sua cara iluminou-se ao ver de onde ele saía. Um bordel!

— Não me viste aqui, miúdo… — disse-lhe o padre com ar taciturno, certamente percebendo o que lhe ia na cabeça.

— Oh, senhor! — exclamou, com o seu sorriso travesso nos lábios. — A esta hora da manhã, ainda tão escuro, é difícil ver-se quem quer que seja!

O padre pareceu relaxar, mas fê-lo demasiado cedo. Pepper sabia agarrar uma oportunidade quando a encontrava.

— Ah, sua eminência abadesca! Agora que olho melhor, bem me pareceu reconhecê-lo! Ou talvez não? — Pepper adotou um ar meditativo, estendendo a mão na direção do padre.

Viu o velho gordo, irritado, remexer nos bolsos.

— Nunca me viste! — repetiu-lhe o padre, muito aborrecido, metendo-lhe alguma coisa nas mãos.

Pepper sentiu o toque frio do metal.

— Vi quem? — respondeu de olhos fechados, mostrando muito os dentes e tateando com as mãos no vazio como se fosse cego.

O padre ignorou-o e já seguia caminho sem olhar para trás. Do cachorro nem sinais, mas Pepper já não se importou. Arregalava agora os olhos ao ver que estava quatro marcos mais rico. Afinal, o lusco-fusco também era a hora dos padres, meditou ele enquanto partia em direção à estalagem para esconder o seu tesouro.

CUMPRIMENTOS SANGRENTOS

«Há muito que aguardamos a vinda d'O Herdeiro. O Norte foi sempre uma terra sem lei, dividida pelas disputas entre os *jarls*. A Profecia fala de um rei abençoado pelos deuses que irá trazer ordem e justiça a estas terras. Kurgar, porém, não tem feito mais do que espalhar o caos. Por isso viemos a Korrigan para falar com *Jarl* Skalde. Ele tem procurado negociar com Kurgar e aplacar a ira dos *jarls*. Esse homem, sim, dava um bom rei.»

ANOTAÇÕES DE FINNEAS, *O BARDO*

AÍ VÊM ELES, PENSOU MELURIAN. JÁ NÃO ERA SEM TEMPO. Mais um pouco e congelaria ali especada.

A viela estava deserta, exceto pelos três homens que se aproximavam, cercando uma mulher. Ouviu um gemido assustado da prostituta e a gargalhada trocista dos homens. Tinham estado a beber. Os seus passos eram desajeitados, e as sombras que projetavam sobre o pavimento ondulavam como se também estivessem ébrias. O cheiro a álcool chegou até ela, misturado com o fedor a suor e sujidade.

Soltou um suspiro e enrolou o lenço negro em torno do rosto. Os seus dedos hesitaram sobre a tatuagem que lhe envolvia o pulso, a marca das Irmãs Shillin. Não gostava do que estava prestes a fazer, mas sabia que era um castigo merecido. Fazia semanas que vigiava aqueles canalhas. Eram homens de Thorka, o mercador de escravos. Talvez conseguisse nessa noite pistas que a levassem finalmente a apanhar esse sacana escorregadio.

A claridade crescente revelou-lhe os rostos do grupo que se aproximava. Observou cada um deles. No centro seguia um homem alto e corpulento, com olhos pequenos e macilentos, de sorriso afetado. Parecia ser o líder do bando. Prendia a mulher num abraço forçado, arrastando-a junto a ele. Ela caminhava com passos vacilantes, de cabeça baixa. Mesmo com o olho roxo e o lábio rasgado, dava para perceber que era jovem e bonita. À direita, um tipo gordo e barbudo lambia os beiços, fitando a mulher com um sorriso seboso. O da esquerda caminhava dobrado pela cintura, perdido de riso.

— Ela deu luta? — bradava ele entre risadas.

— Elas dão sempre, né? — Os olhos do gordo brilharam de malícia. — Mas quanto mais resistem, mais... divertido é! Talvez tu também gostes de lutar, hem, puta? — A jovem encolheu-se.

— E o que lhe fizeste? — voltou à carga o primeiro.

— O que é que achas? — O homem do centro soltou também uma gargalhada baixa, satisfeito consigo mesmo. Os seus olhos faiscavam de arrogância. — Disse-lhe que Thorka mandava cumprimentos e espetei-lhe uma faca no bucho!

— Aposto que ela gritou como uma porca no matadouro! — exclamou o gordo, extasiado, a simular o golpe, batendo com a mão contra a barriga.

— Ah, sim, gritou e implorou! Quase deu pena! — continuou o líder, com um sorriso cruel. — Gritou tão alto que devem tê-la ouvido lá no palácio! — Fez depois uma pausa teatral, lançando um olhar aos dois companheiros, como se estivesse prestes a revelar-lhes um segredo. — Mas no fim espetei-lhe a faca de novo. Dessa vez, bem no coração. E sabem o que ela disse? — Sorriu de lado, saboreando cada palavra. — Nada! Porque… já estava morta!

Seguiu-se uma nova explosão de risos embriagados. Melurian sentiu a fúria crescer-lhe no peito, quente e incontrolável, como uma labareda dentro de si. Odiava Thorka e todos os vermes que trabalhavam para ele. Mas, no fundo, também odiava o que aquela raiva estava a fazer com ela. Todas aquelas mortes, todo aquele sangue… Às vezes perguntava-se quantos mais teriam de morrer até que o mundo se tornasse num lugar mais justo.

O gordo limpou a boca, ainda sacudido pelo riso, e olhou para a prostituta, que tremia.

— Espero que esta aqui também grite! — Ele olhava a jovem de cima a baixo, passando a língua pelos lábios. — Gosto mais quando gritam.

— Vais gritar, pega? — provocou o homem que a agarrava, inclinando-se para ela. — Ou vais implorar como a outra?

Oculta nas sombras, Melurian esperou que o grupo passasse à sua frente. Os seus passos cambaleantes ecoavam pela viela estreita. Aguardou. Depois puxou o capuz sobre a cabeça e avançou, silenciosa como uma sombra, com as mãos escondidas sob o manto.

— Ei! — chamou-os, com voz firme, enquanto se aproximava.

O homem do meio virou-se, e o seu sorriso desfez-se. Melurian parou.

— O que queres tu? — perguntou ele, franzindo o cenho. O tom era de desafio, mas havia uma pontada de surpresa na voz.

— As Irmãs Shillin mandam cumprimentos.

A viela ficou silenciosa por um momento.

— Hã? — Os três homens entreolharam-se, confusos.

O da direita tentou afastá-la com um gesto, esticando o braço.

— Desaparece! Não temos tempo pra...

Antes que ele conseguisse acabar de falar, a espada curta de Melurian rasgou-lhe o peito, enterrando-se entre o pescoço e o braço estendido, que quase foi arrancado pelo ombro. Não esperou que ele caísse. Voltando imediatamente a sua atenção para o gordo, saltou sobre ele, enfiando-lhe a espada no flanco mole. Viu-lhe os olhos esbugalharem-se de medo e espanto. Recuou um passo e atingiu-o de seguida com um pontapé, obrigando-o a dobrar-se antes de o empurrar com o joelho contra o chão.

Melurian respirou fundo ao ver a mancha de sangue que alastrava sobre a neve. Procurou conter o desconforto que se acumulava no seu estômago. Dois já estavam, faltava um.

O homem de aspeto cruel largou a prostituta.

— Vou matar-te! — rugiu ele, tentando parecer seguro, mas a sua voz tremia. Tinha puxado de uma faca que trazia no cinto.

Melurian deu um passo em frente.

— Onde está Thorka? — perguntou.

— Vai-te foder! — O homem cuspiu as palavras, com o rosto contorcido de ódio. Avançou ao mesmo tempo com um movimento brusco, levantando a faca acima da cabeça. O ataque foi desajeitado, quase desesperado.

Melurian desviou-se com facilidade, sentindo o aço da faca cortar o ar.

— Resposta errada… — murmurou ela.

Com um movimento fluido, a espada de Melurian brilhou, cortando a garganta do homem com um golpe preciso. A faca caiu dos seus dedos, batendo no chão com um som metálico. Gorgolejando com o próprio sangue, o homem levou as mãos ao pescoço enquanto tombava para a frente.

Toda salpicada de sangue, a mulher soltou um grito de pavor. Melurian aproximou-se devagar, observando a jovem.

— Conheces Thorka? Sabes onde posso encontrá-lo? — perguntou, com um tom mais suave.

Ela abanou a cabeça, tolhida de medo. Agora, de perto, via que era ainda quase uma criança. O olho roxo e o lábio ferido faziam-na parecer frágil, mas nos olhos dela havia uma centelha de resistência. Medo, sim, mas também vontade de viver. Melurian já vira esse olhar antes, em muitas mulheres como ela. Estendeu-lhe um papel que retirou do bolso.

— Segue estas instruções — disse, metendo-lhe o papel nas mãos. — Levar-te-ão a um lugar seguro.

Boquiaberta, a jovem alternava o olhar entre os corpos mortos à sua volta e o papel.

— Quem… quem és tu? — balbuciou, lívida.

— Ainda aqui estás?

A jovem deu um salto e disparou pela viela fora, enquanto Melurian a observava a desaparecer na névoa da manhã. Os passos apressados foram-se tornando num eco distante, trazendo-lhe à memória a sua própria infância, quando também tinha sonhado ser salva, sem saber que o preço da proteção teria de ser pago com uma vida de violência e sangue.

O som de tambores começou a vibrar ao longe, trazendo-a de volta. O dia ainda mal começara e as mortes só iam no início. Suspirando, Melurian recolheu a espada e apressou-se também a desaparecer nas sombras. Era melhor regressar ao palácio antes que dessem pela sua falta. Mas não conseguia afastar o pensamento: quantos mais precisariam de morrer?

KORRIGAN

«O mundo é regido por duas forças: caos e ordem. O caos representa a destruição, o transbordar do rio após a tempestade, enquanto a ordem é como as margens que direcionam o fluxo para o mar, mantendo a terra irrigada sem a inundar. No entanto, o equilíbrio entre essas forças é frágil, pois as margens que guiam o rio são as mesmas que o comprimem, aumentando a força do caudal.»

PRINCÍPIOS DA ENTALPIA*, LAMIR, *O MESTRE SÁBIO

SALADIN OLHOU PARA A ENTRADA DA CIDADE E A SUA BOCA retorceu-se. Caminhava na direção dos guardas, sentindo-se irritado por dentro. Jarval, aquele grande imbecil… Não fazia ideia de que se ele ali estava era porque assim tinha decidido. Foram uns meses difíceis, mas a hora de Jarval chegaria. Por agora, encontrar o espião era um objetivo comum, pelo que seguiria com a farsa. Já em relação à coroa de pau... logo se veria. Malvus não lhe falara disso, mas ele sabia que havia muitas coisas sobre as quais o Mestre não lhe falava…

O grande hipócrita… As suas entranhas revolveram-se de raiva. O bom de já não esperar nada de ninguém era que, no fim de contas, nunca se desiludia — continuava só a respirar, meio por hábito, meio por tédio.

— Quem vem lá!? — gritou um dos sentinelas quando Saladin se encontrava já perto da entrada da ponte.

Os guardas eram homens corpulentos e de feições duras e cavadas, vestindo couraças negras, envolvidas em peles grossas para os proteger do frio. Nas mãos, seguravam machadas de batalha e escudos redondos que ostentavam um brasão que só poderia ser a heráldica de Kurgar, *O Sem Sombra*: dois olhos brancos em fundo negro. Não pareciam especialmente alarmados com a sua presença, o que era um bom começo. Receara que os boatos de guerra pudessem levar a um escrutínio exagerado. No entanto, com os nortenhos nunca se sabia. Tinham fama de ferverem em pouca água. Em todo o caso, um sujeito magricela e desarmado como ele não representaria grande ameaça para dois soldados experientes.

— As noites fazem-se frias, amigos — respondeu, aclarando a voz numa pronúncia da língua nortenha ainda deficiente.

— Vens para lutar por Kurgar? — questionou-o um dos guardas.

Saladin hesitou.

— Não sou lá grande lutador... — retorquiu, com uma pontada de desdém na voz. Odiava realmente lutas e principalmente sangue.

— Chamo-me Saladin Najjar, negoceio peles. Venho de Sotavento, ao serviço de Elgar Morova.

— Estás longe de casa, rapaz. Aqui nada te protege do vento. Aproxima-te, mas mantém as mãos onde as possamos ver. Isso, com calminha, nada de movimentos bruscos ou rasgo-te as tripas!

Brutamontes de um raio…

Seguiu as ordens que lhe eram dadas, passando a ponte levadiça, de mãos erguidas, até aos dois guardas.

— É uma estranha hora para se chegar sozinho e a pé com este tempo, não achas, Grove? — observou o outro sentinela, franzindo o cenho.

— Deve ter os tomates bem gelados, não? — riu-se aquele que se chamava Grove. — Duas pedras bem pesadas aí em baixo! — Apontou o machado à cintura de Saladin. — Já olhaste bem para ele, Carl?

— Tão pesadas que nem o deixaram montar a cavalo! — exclamou, por sua vez, o de seu nome Carl.

Troçavam dele. Ótimo. Melhor assim.

— Na verdade, amigos — disse-lhes, esforçando-se por manter um tom jovial —, perdi a minha montada no Vale dos Ecos por causa da neve.

Não mentia. Ele e Jarval haviam tido de abandonar os seus cavalos para atravessar uma cordilheira espinhosa onde tinham sido apanhados por uma violenta borrasca. Fora uma das muitas vezes em que o caminho até ali os desafiara, quase saindo vitorioso.

— Desde então não consegui substituí-la por outra — prosseguiu. — Foi uma perda infeliz. Estava afeiçoado ao cavalo… — Fez uma pequena pausa para evidenciar o seu desânimo. — A caravana em que seguia decidiu ficar para trás. O líder era um sujeito nervoso que preferiu esperar que a tempestade passasse.

Agora estava já a improvisar sobre a verdade. De facto, tinham acompanhado durante algum tempo uma caravana comandada por um sujeito repelente que tinha por hábito bater na mulher. Jarval acabaria por o matar. A ele e mais meia dúzia de mercenários que escoltavam a caravana. Não era boa ideia irritar Jarval quando bebia, disso ficara certo. A mulher não se pareceu importar quando nessa noite puxou Jarval para a sua tenda. Gritara tanto que ele até pensou que Jarval também se livraria dela. Mas, afinal, não só a poupou, como Saladin nunca a vira tão feliz. Enfim, não se admiraria nada se daqui a uns tempos houvesse mais um pequeno Jarval no mundo…

— Eu não me podia demorar — explicou ainda aos guardas. — Tenho ordens para estabelecer contactos urgentes na cidade. Devo voltar antes que o inverno avance.

Mais uma vez, era uma meia-verdade. Queria realmente estabelecer contactos, um em especial. Ele sabia que a melhor forma de mentir era

usando a verdade a seu favor. Além de tornar mais fácil improvisar, dava veracidade à mentira e permitir-lhe-ia não se contradizer muito caso fosse confrontado novamente.

— Foi uma campanha e tanto, só para voltares a lamber o cu a esse teu mestre!

Viu que os sentinelas baixavam a guarda, divertindo-se às suas custas.

— Amante de cavalos! — riu-se o guarda Carl. — Vá, entra lá. É quase de dia. Espero que não volte a chover cinzas hoje. Não gosto quando acontece… — acrescentou, agora mais sério.

— É um mau presságio, todos o sabem… — concordou Grove, a olhar para cima.

Apesar do céu nublado, alguns indícios de claridade surgiam já no horizonte. Tinham caminhado durante quase toda a noite.

— Apressa-te se quiseres arranjar um lugar com vista para o cadafalso — advertiu-o Carl. — Vai haver espetáculo hoje. É pena estarmos de serviço, não é, Grove?

Saladin sentiu-se curioso.

— É dia de cerimónia? — perguntou, em tom de interesse. Conhecia bem a cerimónia da corda. Não passara muito tempo desde que ele próprio estivera prestes a participar, pendurado definitivamente numa, embora o risco tenha sido calculado.

— Kurgar não é de fazer cerimónia quando se trata de mandar alguém para O Outro Lado! — riu-se Carl.

— Diz-se na guarnição que serão vários a receber hoje o abraço de Vorag… Um verdadeiro festim para o Deus das Sombras! — completou Grove.

— E quem são os infelizes?

— Ah!, isso queríamos nós saber! Não é costume tanto secretismo… Kurgar deve ter preparado uma bela surpresa, hein, Carl?

— É pena estarmos de serviço… — repetiu o tal Carl, inconsolável.

— Vá, agora desampara-nos a loja.

Saladin despediu-se dos guardas, metendo-lhes nas mãos dois tostões a cada um. Para beberem um copo mais tarde, dissera-lhes. Mandaram-no ir lamber o cu a outro, mas, ainda assim, guardaram as moedas. Era importante ter a simpatia dos guardas, sobretudo num lugar que desconhecia e onde provavelmente, mais cedo ou mais tarde, se meteria em sarilhos. Poderia sempre voltar a precisar de sair ou entrar na cidade sem grandes rodeios. Era improvável voltar a encontrar os mesmos homens, mas mais valia prevenir do que remediar. Além disso, o dinheiro não era seu.

O saco que Jarval lhe dera estava cheio com uma moeda local, muito diferente da que se usava em Caladur. As moedas eram pesadas e ásperas

ao toque, como se carregassem consigo a história rude daquelas terras. Jarval explicara-lhe o sistema: dez tostões de osso valiam um marco de cobre, doze marcos uma peça de prata e dezassete peças uma barra de ouro. Era um sistema simples. O saco deveria ter ao todo o equivalente a quatro peças de prata. Daria para algum tempo, talvez durante um ciclo lunar, se o gerisse bem. Depois disso, alguma coisa se arranjaria.

Quando finalmente entrou em Korrigan, o que primeiro lhe atraiu a atenção foi a grandiosidade da cidade. Era, de longe, muito maior do que esperara. Sempre ouvira dizer que as cidades do Norte não eram mais do que pequenos palheiros infestados de selvagens. Todos eles monstros do tipo daqueles que entram nas histórias que no Sul os pais contam às crianças malcomportadas. No entanto, não era nada disso que ali encontrava. Aninhada no sopé do vulcão, Korrigan era uma cidade grande e bem desenvolvida, mesmo para os padrões das cidades da sua terra natal. Só perdia para Caladur, claro.

A arquitetura da cidade era bastante peculiar. Fileiras de edifícios de pedra com janelas envidraçadas comprimiam-se numa amálgama de telhados triangulares, muito altos e inclinados de forma abrupta para suportarem a neve. Alguns estavam vergados e desalinhados pelo peso de muitos invernos, erguendo-se em ângulos impossíveis e ameaçadores. Não deixavam, por isso, de ser edifícios bem tratados e preparados para as intempéries. O pavimento encontrava-se relativamente limpo, apesar das nevascas que tinham varrido a região nos últimos dias, indiciando que os nortenhos se ocupavam regularmente com a limpeza das ruas. Enquanto os primeiros raios de luz devolviam lentamente a vida à cidade, não pôde deixar de pensar que aquele lugar não era, afinal, desprovido de uma certa beleza.

Sascha iria gostar, deu por si a pensar.

Sentiu-se imediatamente invadido por uma tristeza profunda, e o seu olhar foi obscurecido por uma nuvem de melancolia. A sombra da traição ainda pairava sobre si como um manto pesado, envolvendo-o numa angústia sufocante.

Tenho de a esquecer. Foi para isso que me afastei…

Na ocasião, a distância parecera-lhe uma boa ideia. Mas agora já não tinha tanta certeza. A ironia da existência é que, mesmo no vazio, era possível encontrar-se reflexos de esperanças despedaçadas.

Aqui ou lá, que diferença faz? O verdadeiro problema sou eu, e isso não vai mudar…

Deixava os pensamentos vaguearem pelos recantos sombrios da sua mente quando um som rítmico de tambores se propagou das muralhas. Percebeu que deveria ser alguma forma de anunciar o tempo por ali. No topo dos edifícios viu centenas de corvos agitarem-se, nervosos, criando

pequenas avalanchas que limpavam os telhados. Respondendo ao chamamento dos tamborileiros, uma multidão começava já a encher as praças envolventes num rebuliço atarefado. Eram poucos aqueles que exibiam um aspeto maltratado, apesar da dureza que marcava as suas faces e do aspeto rude das roupas que envergavam. No ar pairava um cheiro intenso, mas não era o típico fedor a fruta podre e imundice a que Caladur o habituara. Era o aroma penetrante do fumo de carvão que escapava das chaminés, coroando o topo dos telhados com uma neblina constante.

Numa das ruelas menos movimentadas, reparou numa tabuleta de madeira desgastada pelo tempo que balançava levemente ao sabor do vento. Uma parte dela, já solta do mastro, batia repetidamente contra a parede de pedra, criando um som ritmado que ecoava pela rua estreita. Nela podia ler-se O Lobo das Estepes por baixo de uma gravura de um lobo de perfil com as presas à mostra. Era uma estalagem discreta e aparentemente decrépita, o que lhe pareceu perfeito para se instalar sem dar nas vistas, além de se adequar ao seu estado de espírito. Reparou também que alguém o seguia. Já contava com isso. Deixou-se ver ao entrar n'O Lobo das Estepes.

No interior, um estalajadeiro de cabeça calva e com a cara cheia de rugas da idade movia-se lentamente atrás de um longo balcão de madeira. Com mãos calejadas, fazia pequenas tarefas matutinas, organizando garrafas e limpando canecas com movimentos metódicos, sem pressas. O ranger suave das tábuas do chão acompanhava o ritmo dos seus passos. Uma das laterais da divisão era ocupada por uma enorme lareira que aquecia o espaço. Mesas toscas distribuíam-se pela divisão, com os bancos ainda virados do avesso sobre os tampos. No outro lado era visível o início de uma escadaria que deveria levar aos quartos. Por um breve momento, Saladin pensou no bom que seria poder tomar um banho quente ou até dormir um pouco, estendendo-se confortavelmente numa cama. Sentia-se esgotado da longa viagem, ainda por cima em tão má companhia.

— Bom-dia, amigo — cumprimentou, dirigindo um aceno de cabeça ao estalajadeiro. — Tem algum quarto que me possa alugar por uns tempos? E, se não for pedir muito, uma tina de água quente? Preciso urgentemente de um banho! Algo para comer também seria bem-vindo…

Tudo o que recebeu em troca foi um grunhido. Contudo, ele sabia que o importante era o que se tinha para oferecer, não o que se obtinha. Por isso, esforçou-se por sorrir como se tivesse recebido um cumprimento jovial, e tirou um marco de cobre da bolsa que pousou sobre o balcão. O velho logo ergueu os olhos. Tinha agora a sua atenção. Arrumou a moeda no bolso do avental que trazia ao peito e fez-lhe sinal com a cabeça calva para que o seguisse.

Foi instalado num pequeno quarto no terceiro piso da estalagem. Era uma acomodação pequena e bastante empoeirada, apenas recheada com uma esteira acolchoada a palha, um baú, uma mesa minúscula e uma tina de banho. Todavia, era o primeiro quarto que via em muito tempo, e, talvez por isso, não se queixou. Em todo o caso, também não tinha escolhido aquele sítio pelas comodidades.

Enquanto o velho lhe preparava o banho, carregando, escada acima, escada abaixo, baldes de água quente, Saladin aproveitou para voltar à rua e procurar uma alfaiataria. Entrou na primeira que encontrou e comprou um conjunto composto por bragas e uma camisa interior de linho grosso, uma camisola de lã com capuz e um pesado casaco de peles, à moda dos nortenhos. Trocou também as suas botas, que se encontravam já muito gastas, por umas novas de couro, com uma sola espessa para lhe proteger os pés da neve e do gelo. Sempre soubera apreciar um bom par de botas.

Depois do banho tomado e vestido com as roupas novas, não só parecia como se sentia outra pessoa. Aliás, voltava a sentir-se uma pessoa, assim é que era.

Descendo ao piso térreo da estalagem, o seu estômago roncou ao sentir um cheiro a comida no ar. O rasto levou-o a uma mesa perto da lareira, onde um rapaz dispunha pãezinhos acabados de cozer, ovos mexidos e um prato de carnes frias. Não deveria ter mais de catorze ou quinze anos. Alinhava com uma precisão exagerada os talheres, mostrando uns dedos longos e hábeis. Era ruivo e tinha uma cara bastante feia e sardenta, toda ela arreganhada num sorriso.

— Bom-dia, senhor! — saudou o rapaz, com uma reverência fingida. — Peço desculpa pelo velho Grimnald, não é de muitas falas desde que lhe morreu a cadela… Oh, como ele gostava da sua cadelita…! Devia tê-lo visto nessa altura, eram felizes como um casal de namorados… O velho e a sua cadelita! Coitado, nunca mais foi o mesmo.

Vestia um colete amarelo, muito desbotado e sujo de fuligem, e gesticulava teatralmente enquanto falava. Parecia estar a representar uma velha peça bem ensaiada.

— Ela também deveria ser velha, coitada — continuou a falar. — Dizem que os cães envelhecem mais depressa do que os seus donos. E já viu o velho Grimnald? Oh! Como é velho!… É velho como o raio!

Ao contrário do estalajadeiro mudo, o rapaz parecia falar pelos cotovelos. *Uma dupla interessante*, notou Saladin. Não conseguia perceber se era do velho ou dele que o rapaz troçava.

— Mas se precisar de alguma coisa, qualquer coisa, chame por mim! Pepper! Seu criado! Posso até passear-lhe o cão, se tiver algum. Sou bom com animais! E com mulheres…, ainda que seja quase a mesma coisa. Também as posso mandar passear!

O jovem continuou a falar enquanto encaminhava Saladin com pequenos puxões no braço para se sentar à mesa.

— Coma, coma, senhor, senão os ovos esfriam! Não há nada pior do que ovos frios! Ou então muito quentes! Uma vez escaldei o céu da boca todo quando…

Saladin ergueu um dedo em frente aos lábios.

— Pepper, não é? — perguntou-lhe, já irritado. — Quero realmente uma coisa de ti neste momento.

— Ah, senhor! Peça, peça o que for que eu faço… ou arranjo! Mato até se tiver de ser! Que a velha cadelita seja minha testemunha! Vorag dê paz à sua alma…

— O que te peço, Pepper, é o seguinte — interrompeu-o Saladin. — Cala-te lá para eu poder comer em paz! Falas como uma gralha, rapaz. Valha-me esse tal Vorag!

Pepper não pareceu ficar nada ofendido. Pelo contrário, pareceu antes ver nisso uma oportunidade de ser útil.

— Oh, senhor! Por uma moeda eu faço tudo! Posso até guardar segredos! Por uma moeda, a minha boca é como um túmulo! Pode confiar em mim! Houve até uma vez que…

Percebendo aonde aquilo ia dar, Saladin sacou da algibeira um tostão que fez saltar com o polegar na direção de Pepper.

— Sim, sim… — Despachou o rapaz. — Toma lá a tua moeda e deixa-me comer sossegado.

Tão rápido quanto falava, Pepper desapareceu com um sorriso matreiro por uma porta, atrás do balcão que deveria dar à cozinha.

Raio do rapaz. Era esperto. Deveria ter um qualquer conluio com o estalajadeiro. Depois de verem a sua bolsa, não descansariam até fazê-la desaparecer. Era assim em todo o lado, e Saladin estava preparado para isso. Não tinha era contado com Pepper...

Finalmente sozinho, terminou rapidamente a sua refeição. Já não comia algo que lhe soubesse tão bem há muito tempo. Na estrada, as refeições eram escassas. Ia-se comendo aqui e ali o que se encontrava. Não obstante as qualidades de Jarval para a matança, a neve e o frio tornavam difícil a vida até ao melhor dos caçadores.

Abandonou, relutante, o calor da lareira e saiu para a rua. A cidade estendia-se até se perder de vista. Uma chuva miudinha começara a cair, fazendo-o sentir-se ainda mais desanimado do que já era habitual. Deteve-se, por um instante, sem saber para onde ir. Teve uma ideia. Voltou a meter a cabeça pela porta da estalagem.

— Pepper! Ei, Pepper! — chamou.

O inconveniente moço de estalagem depressa se materializou do outro lado do balcão.

— Senhor! Precisa de mim? Aqui estou, aqui estou! Ao seu serviço! É só ordenar, por uma moeda eu faço tudo!

— Anda cá, rapaz — pediu-lhe Saladin. — Sabes onde terão lugar as execuções de hoje?

— Se sei? Estava a ver que nunca mais perguntava! — rejubilou o jovem. — Não só sei, como ia para lá agora mesmo! Posso mostrar-lhe, senhor! Venha, venha comigo! Por aqui, vamos lá! Merda de chuva! Vamos!

Pepper arrancou ruela abaixo, falando sobre o ombro e fazendo sinais para que Saladin o seguisse.

— Venha, senhor! Venha! Por uma moeda até o levo ao colo, se for preciso!